

PERCEPÇÕES GEOLÓGICAS URBANAS DE BELO HORIZONTE NO TRAJETO DO ONIBUS 6350 (PAMPULHA – BARREIRO)

Cerqueira-Dias, G. M.¹; Alves-Castro, M. ¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Cotidianamente nos movimentamos pelos centros urbanos sem prestar muita atenção na paisagem ao nosso redor. Belo Horizonte é uma cidade situada na margem oeste do Quadrilátero Ferrífero, circundada por Serras exorbitantes e um grande horizonte aplainado. O objetivo do trabalho foi identificar as principais unidades da Folha Belo Horizonte pela geomorfologia da paisagem de uma rota cotidiana de vários belo horizontinos. O ônibus 6350, liga duas regiões da cidade, a da Pampulha (zona noroeste) a do Barreiro (zona sudoeste), passando grande parte do trajeto pelo Anel Rodoviário. O mesmo, nesta rota, faz, inicialmente, um perfil aproximadamente nordeste – sudoeste, paralelo à Serra do Curral. Já um pouco além da metade do caminho, onde a BR-040 serve como ponto de referência para a mudança de orientação, o perfil torna-se noroeste – sudeste. A altitude média do percurso é de 930 metros, com alguns desníveis no terreno. Ingressando à linha na Pampulha, sentido Barreiro, ao olhar pela janela do ônibus observa-se diversas feições geomorfológicas, as quais nos permite identificar as principais sequências estratigráficas da carta geológica de BH. Inicia-se o trajeto em uma cota mais baixa. Ao observar os taludes pode-se diferenciar o solo siltoso rosado tipicamente residual de gnaiss, sobreposto por um solo argiloso avermelhado coluvionar. As favelas se destacam na paisagem por estarem em cima de morrotes arredondados, que apresentam manchas de vegetação densas de cor verde escuro sobre um solo avermelhado. O solo observado pode ser coluvionar depositado sobre o embasamento cristalino, ou resquícios de rochas carbonáticas do Grupo Itabira. Subindo topograficamente no trajeto, começamos a observar os indícios dos filitos da Formação Batatal e na maior parte do percurso andamos sobre os mesmos. Ao fundo, olhando para leste, observa-se uma cadeia de serras alinhadas. Devido a uma quebra de relevo, forma-se um vale entre a Serra do Curral e o famoso Pico da Serra da Piedade, evidenciando a segunda morfologia. Nestas serras está nítido o contato do Grupo Itabira com os metassedimentos do Grupo Minas. O primeiro é constituído por Formações Ferríferas Bandadas, sendo o relevo das serras sustentado pelas cangas, rocha de alteração ferruginosa altamente resistente e coesa, que formam uma capa que protege as litologias subjacentes. Durante o trajeto é possível observar outra grande quebra de relevo, que ocorre justamente onde se afinam as camadas do Gr. Itabira. A região de cota mais baixa, situada na descontinuidade do relevo, corresponde ao bairro Belvedere e é ocupada por grandes edifícios, onde ocasionalmente ocorrem problemas de geologia urbana, como deslizamentos de taludes, sobrecarga dos muros de contenção e complicações nas fundações nos edifícios. As construções estão situadas sobre os filitos Batatal, que possuem diferentes planos de foliações e descontinuidades. Mirando o olhar para o lado direito do ônibus, sentido noroeste-oeste, encontra-se a depressão Belo Horizonte. Nas regiões mais proximais ao Anel Rodoviário, nota-se um relevo ondulado com alguns morrotes. Estas feições geomorfológicas são referentes aos granitos-gnaisses do Complexo Belo Horizonte, embasamento cristalino. Finalmente, ao fundo, observa-se um horizonte extenso e aplainado de relevo suave correspondente aos sedimentos do Grupo Bambuí.

PALAVRAS-CHAVE: LINHA 6350; GEOLOGIA NO COTIDIANO; FOLHA BELO HORIZONTE.